

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

O processo de investigação nas Ciências Sociais pode ser entendido como um ato de criação de conhecimento sobre a realidade social, orientado por uma fecunda relação entre a teoria, a observação e a interpretação.

Pensar o trabalho sociológico desse modo implica assumir o questionamento da prática do sociólogo e, no que se refere à investigação, implica a interrogação permanente sobre as condições e os limites do emprego das noções e conceitos, da validade do seu uso e da utilização dos métodos e técnicas de investigação em função de cada objeto de pesquisa.

Nossa orientação epistemológica tenta apreender o conhecimento em seu movimento, pela prática da descoberta. Supõe um “novo espírito científico”, definido pela criação e produção de noções e conceitos capazes de construir verdades relativas, por um procedimento de incessante aproximação da verdade dos processos, dos detalhes, dos sonhos que constroem o social. Essa operação supõe o exercício da vigilância epistemológica em seus três graus: a atenção sobre os fatos e acontecimentos relevantes para o objeto científico; o cuidado com a aplicação rigorosa dos métodos de investigação e de interpretação; enfim, a vigilância reaparece quando ela julga os métodos em si mesmos, como um momento de seu próprio procedimento de apreensão do real.

José Vicente Tavares Santos. *A aventura sociológica na contemporaneidade*. In: Sérgio Adorno. *A Sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade*. Porto Alegre: UFRGS/Sociedade Brasileira de Sociologia, 1993 (com adaptações).

Acerca do texto acima e de idéias associadas ao seu tema, julgue os itens subsequentes.

- 76** Não há qualquer possibilidade de articulação entre a teoria, a observação e a interpretação, na investigação social.
- 77** Para o autor, a busca da criação do conhecimento sobre a realidade social prescinde de qualquer precaução epistemológica.
- 78** A operação metodológica que se realiza no processo de apreensão do real requer o exercício de uma vigilância epistemológica cuidadosa, postula o autor.
- 79** Segundo a metodologia preconizada pelo autor, não há qualquer possibilidade de articulação entre a teoria, a observação e a interpretação.
- 80** Pode-se inferir, a partir do texto, que o autor acredita que a sociedade pode ser analisada da mesma forma que os fenômenos da natureza.

Com o termo socialização queremos significar o ato de inculcar a estrutura de ação de uma sociedade no indivíduo (ou grupo). A socialização, nesse sentido, envolve gradações, pois um indivíduo pode ser mais ou menos socializado. Uma pessoa se encontra adequadamente socializada se lhe foram inculcados elementos das estruturas de ação das sociedades, de modo a se lhe possibilitar o desempenho eficaz dos seus papéis. Há socialização adequada em uma sociedade quando ela reúne um número suficiente de indivíduos satisfatoriamente socializados, de modo a permitir a operação dos requisitos estruturais de uma sociedade.

As sociedades podem evidentemente subsistir com alguns membros inadequadamente socializados, sendo que o número e a proporção deles com relação à totalidade dos membros de uma sociedade variarão de sociedade a sociedade. Não obstante, para que uma sociedade possa subsistir, deve ser satisfatoriamente transmitida a cada indivíduo a maior parte da quota mínima necessária à adequada socialização dos indivíduos, o máximo dos modos de ajustamento à situação total, dos recursos de comunicação, das orientações cognitivas, sistemas de alvo, atitudes inerentes à regulamentação dos meios, modos de expressão afetiva, além de outras, a fim de torná-lo capaz de comportar-se adequadamente nos seus múltiplos papéis ao longo da vida, tanto com relação às suas habilidades como às suas atitudes. A socialização, pois, envolve algo diverso da manutenção do indivíduo nas condições de bem-estar biológico.

Marion Levy Jr. *Socialização*. In: F. H. Cardoso e O. Ianni. *Homem e sociedade, leituras básicas de sociologia geral*. 12.ª ed. São Paulo: Nacional, 1980, p. 60-1 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os seguintes itens.

- 81** O autor afirma que o conceito de socialização encontra-se superado, sugerindo que os sociólogos busquem um conceito desviante para explicar melhor o processo de integração dos indivíduos à sociedade.
- 82** O conceito de socialização apresentado no texto corresponde à concepção marxista de coletivização dos meios de produção em uma sociedade de estrutura social socialista.
- 83** Os requisitos estruturais de uma dada sociedade são transmitidos ao indivíduo por meio do processo de socialização, conforme depreende-se das idéias contidas no texto acima.
- 84** Segundo exposto no texto, é correto afirmar que o indivíduo desempenha múltiplos papéis sociais durante a sua existência, os quais são irreconhecíveis, não estando relacionados às estruturas de ação de uma determinada sociedade.
- 85** As informações dadas no texto permitem concluir que um indivíduo pode não estar inteiramente socializado na sociedade ou grupo a que pertence, entretanto, isso não constitui obstáculo para sua integração, desde que ele tenha internalizados os requisitos estruturais básicos da sociedade.

Na época da globalização, mundializam-se as instituições mais típicas e sedimentadas das sociedades capitalistas dominantes. Os princípios envolvidos no mercado e contrato generalizam-se, tornando-se padrões para os mais diversos povos, as mais diversas formas de organização social da vida e do trabalho, independentemente das culturas e civilizações. Esse é o contexto em que as coisas, as gentes e as idéias passam a ser atravessadas pela desterritorialização, isto é, por outras modalidades de territorialização.

Na medida em que se desenvolvem e generalizam, os processos envolvidos na modernização ultrapassam e dissolvem fronteiras de todo tipo, locais, nacionais, regionais, continentais; ultrapassam ou dissolvem as barreiras culturais, lingüísticas, religiosas ou civilizatórias. Por sobre tudo o que é local e nacional, desenvolvem-se relações, processos e estruturas dinamizados pela modernização, em geral traduzida em técnicas sociais de produção e controle. Muito do que se faz e pensa no mundo passa a pautar-se pelo que é, parece ou pode ser moderno. E o que parece ou pode ser moderno, modernizado, modernizável ou modernizante traduz-se necessariamente em prático, pragmático, técnico, instrumental.

Octavio Ianni. *Teorias da globalização*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000, p. 102-3 (com adaptações).

Considerando o texto acima e conceitos relativos a dependência e desenvolvimento, julgue os itens seguintes.

- 86** No texto, mundialização e globalização são apresentados como processos distintos, referentes à padronização universal dos povos.
- 87** As transformações advindas do processo de globalização atravessam as formações sociais locais, desterritorializando-as, consoante com as idéias apresentadas no texto.
- 88** O texto não apresenta qualquer efeito positivo da globalização sobre as culturas locais, inclusive sobre a brasileira.
- 89** Na contemporaneidade, o que é considerado moderno, modernizado, modernizável e modernizante se torna sinônimo do prático, pragmático, técnico e instrumental, segundo as idéias expostas no texto.
- 90** No Brasil, o tema da globalização vem-se tornando ultrapassado, em face das transformações políticas decorrentes da escalada terrorista mundial.

Correntes sociológicas

São duas as proposições que servem de fundamento para a metodologia de Durkheim: observar os fatos sociais como coisas e reconhecê-los pela coerção que exercem sobre os indivíduos. Essas duas proposições já foram objeto de discussões intermináveis, as quais, em grande parte, têm a ver com a ambigüidade dos termos empregados.

É conveniente dizer que se deve chamar de coisa toda realidade observável do exterior, e cuja natureza não conhecemos imediatamente. Nesse sentido, Durkheim tem toda razão em afirmar que é preciso observar os fatos sociais como coisas. Por outro lado, se o termo implica que os fatos sociais não comportam interpretação diferente da que comportam os fatos naturais, ou sugere que toda interpretação do significado que os homens atribuem aos fatos sociais deve ser afastada pela Sociologia, Durkheim não tem razão. Além de tudo, essa regra seria contrária à prática do próprio Durkheim, que, em todos os seus livros, procurou apreender o sentido que os indivíduos ou os grupos atribuem à sua maneira de viver, suas crenças, seus ritos. O que chamamos de compreensão é precisamente a apreensão do significado interno dos fenômenos sociais. A interpretação moderada da tese de Durkheim implica simplesmente que essa significação autêntica não é imediata, que precisa ser descoberta ou elaborada progressivamente.

Raymond. Aron. *As etapas do pensamento sociológico*. Brasília e São Paulo: Martins Fontes/Universidade de Brasília, 1982, p. 338 (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens que se seguem.

- 91** No texto, problematizou-se o que seria a significação autêntica dos fenômenos sociais estudados, considerando-se que a mesma não é imediata.
- 92** Pelo texto, depreende-se que Durkheim apontava para a necessidade da compreensão interna dos fenômenos sociais, à maneira de Weber.
- 93** A coisificação do social e o imperativo da coerção social na sociedade humana são dois princípios da sociologia durkhemiana, conforme informado no texto.
- 94** A ambigüidade dos princípios metodológicos durkhemianos reside na escolha de alguns de seus termos e expressões, segundo o autor do texto.
- 95** O texto afirma que Durkheim jamais buscou a apreensão interna dos fenômenos sociais que estudou.

Deve-se entender por dominação a probabilidade de encontrar obediência dentro de um grupo determinado para mandatos específicos (ou para toda sorte de mandatos). Não consiste, portanto, em toda espécie de probabilidade de exercer poder ou influência sobre outros homens. No caso concreto, essa dominação (autoridade), no sentido indicado, pode descansar nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até o que são considerações puramente racionais segundo fins determinados. Um determinado grau mínimo de vontade de obediência, ou seja, de interesse (externo ou interno) em obedecer, é essencial a toda relação autêntica de autoridade.

Nem toda dominação se serve do meio econômico. E ainda menos tem toda dominação fins econômicos. Mas toda dominação sobre uma pluralidade de homens requer de modo normal (não sempre, de modo absoluto) um quadro administrativo; isto é, a probabilidade, em que se pode confiar, de que se dará uma atividade, dirigida à execução de suas ordens gerais e mandatos concretos, por parte de um grupo de homens de quem se espera obediência. Esse quadro administrativo pode estar ligado à obediência ao seu senhor (ou senhores) pelo costume, de modo puramente afetivo, por interesses materiais, ou por motivos ideais (conforme valores determinados).

Ana Maria de Castro e Edmundo F. Dias. *Introdução ao pensamento sociológico*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1978, p. 137 (com adaptações).

Com relação ao conceito tratado no texto acima, julgue os itens seguintes.

- 96** A perspectiva sociológica sobre a dominação apresentada é totalmente oposta à visão weberiana.
- 97** O exercício da dominação supõe a existência de um quadro administrativo formado por um grupo de homens de quem se espera obediência, segundo o texto.
- 98** O conceito de dominação apontado implica em toda espécie de probabilidade de exercer poder e autoridade sobre os outros.
- 99** A vontade de obediência encontra-se implícita na probabilidade de estabelecimento da relação de autoridade, conforme os autores do texto.
- 100** É afirmado no texto que nem toda dominação visa à consecução de fins econômicos e que nem sempre os utiliza como meios.

O domínio carismático é o meio mais freqüente de subverter ou abolir um regime tradicional ou legal, o que significa que é um poderio revolucionário ou, conforme o caso, pseudo-revolucionário, ou simplesmente de rebelião. A aspiração de mudança que o anima pode ser condicionada pela situação exterior, política ou econômica, ou então por uma transformação dos espíritos (na ordem religiosa ou intelectual). Assim, a razão foi uma força revolucionária que deu origem a regimes carismáticos, no momento em que, em diversos países, se operou a transição do domínio patrimonial para o domínio legal. Todavia, como o carisma cria uma situação excepcional, os próprios princípios de seu domínio se tornam uma fonte de dificuldades, desde que não se trate de uma revolta efêmera. Com efeito, como assegurar duração de um tal poder uma vez desaparecido o chefe carismático? Que fazer para voltar à vida cotidiana e a uma situação normal e estável? Ora, o destino de todo domínio desse gênero é voltar, mais cedo ou mais tarde, a um regime tradicional ou legal. Mais do que a análise conceitual da noção de carisma, essas questões estão no centro das reflexões de Weber.

Julien Freund. *A sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 176-7 (com adaptações).

Considerando o excerto anterior, de Julien Freund, julgue os itens subseqüentes, relativos ao carisma.

- 101** Segundo o texto, a noção de carisma faz parte das preocupações de Weber sobre os tipos de domínio.
- 102** O momento em que se deu a passagem do domínio patrimonial para o domínio legal tem relação com a origem dos regimes carismáticos, tendo como força revolucionária a fascinação e o encantamento, conforme afirmado no texto.
- 103** Carismática é a dominação que se baseia no devotamento justificado pelo caráter sagrado ou pela força heróica de uma pessoa e da ordem revelada ou criada por ela, segundo Weber.
- 104** Para Weber havia uma aproximação justificável entre conduta afetiva e dominação carismática.
- 105** A dominação carismática pode levar à dominação tradicional pois pode-se tornar propriedade de uma família, segundo Weber.

Com a gradativa transferência da hegemonia econômica e política das classes com interesses e mentalidade urbanos, o padrão de relacionamento entre diferentes grupos está se alterando. Queiroz, por exemplo, argumenta que a sociedade global brasileira é atualmente “sociedade urbana”. Ela sustenta que enquanto no passado certos processos sociais tinham lugar em uma sociedade global agrária, na qual a cidade estava subordinada ao campo, hoje em dia eles se dão em uma sociedade que é crescentemente caracterizada por traços urbanos, na qual a cidade tende sempre mais a dominar o campo, que fica assim relegado a uma posição subordinada e também inferior.

A transformação do Brasil em uma sociedade cada vez mais urbana ocorre por meio de vários processos. O primeiro é constituído pela ainda incipiente penetração de relações capitalistas no campo, acarretando a proletarização dos camponeses e agricultores mais pobres, que acabam migrando para as cidades em busca de trabalho.

O segundo se manifesta pela pressão sobre a terra, causada em certas áreas rurais, onde a introdução (a partir da cidade) de melhoramentos sanitários e higiênicos (vacinas, antibióticos etc.) ocasiona uma diminuição da mortalidade infantil e um conseqüente aumento de população que não é absorvida por causa das limitações sociais e físicas do meio rural.

Ruben George Oliven. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 67-8 (com adaptações).

Com base nas informações do texto acima, julgue os itens a seguir, referentes à antropologia urbana.

- 106** A maior parte das afirmações sobre a urbanização da sociedade brasileira no texto está superada.
- 107** A diminuição da mortalidade infantil no campo não exerce pressão sobre o processo de urbanização mencionado.
- 108** O acelerado processo de urbanização da sociedade brasileira tem ensejado a subordinação do meio rural à mentalidade e aos processos citadinos, conforme as idéias apresentadas no texto.

109 No Brasil, as cidades têm exercido uma forte atração sobre as populações rurais, por meio da expectativa de melhores condições de vida e trabalho.

110 O processo de urbanização brasileiro é também fomentado pela constante difusão de imagens e valores urbanos nos meios de comunicação de massa.

A preocupação com a classe social na teoria e na análise dos movimentos sociais parece suscitar antigas questões que foram ultrapassadas pela evolução da sociedade moderna. A classe não cumpre mais um papel nos discursos diagnósticos sobre as sociedades modernas avançadas. Tornou-se até elegante fazer diagnósticos críticos das sociedades modernas além e contra o discurso quanto à classe. A queda dos regimes comunistas e a ascensão do nacionalismo deram um ímpeto adicional a argumentos em favor da obsolescência da análise de classe para as sociedades modernas.

Seguimos uma estratégia que é completamente oposta. Estamos interessados em saber em que medida os novos movimentos sociais são indicadores de novas e profundas divisões ou antagonismos sociais na sociedade moderna. Os novos movimentos sociais foram louvados por introduzirem novas questões, serem portadores de um novo paradigma de existência social e apontarem para novas divisões nas sociedades modernas além das religiosas e étnicas tradicionais. As novas divisões introduzidas por esses grupos são então percebidas como substitutas da antiga divisão baseada na classe, a divisão entre capital e trabalho. Esse argumento normalmente implica que, com a institucionalização do conflito de classe, a noção de classe não mais se aplica.

Eder Klaus. *A Classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais? Uma teoria do radicalismo da classe média.* In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n.º 46, jun./2001, p. 5 (com adaptações).

Considerando o texto acima e o tema dos movimentos sociais, julgue os itens subsequentes.

111 O autor condena toda e qualquer tentativa de diagnosticar as características dos novos movimentos sociais fundamentada em divisões sociais de classe.

112 Não se pode conceituar os novos movimentos sociais, uma vez ultrapassada a divisão entre capital e trabalho.

113 A antiga divisão da sociedade baseada em classe social, com a institucionalização do conflito de classe, está sendo substituída por novas divisões nas sociedades modernas.

114 No texto, classe social é uma variável independente que explica a ascensão e a queda dos movimentos sociais.

115 Além das divisões religiosas e étnicas tradicionais, nas sociedades modernas é necessário identificar os grupos sociais que entram em conflito nos novos movimentos sociais.

Como conceitos abrangentes e genéricos, messianismo e movimento messiânico são necessariamente típico-ideais, no sentido de se referirem à realidade observável mas não a reproduzirem ou esgotarem, e isto mesmo no caso em que os autores entendam seus conceitos como tipos empíricos. Dessa forma, o primeiro deles diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que por fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva e instaurará uma nova era de virtude e justiça; o segundo refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas. A concepção acima associa os movimentos sociais à escatologia, embora possam existir movimentos milenaristas não-messiânicos, conduzidos por uma sucessão ou pluralidade de líderes guerreiros, assembléias de anciãos, virgens ou crianças inspiradoras etc. Por outro lado, podem faltar a movimentos caracteristicamente messiânicos concepções de um *escathon* final.

Constituem movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânico-milenaristas, desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos relacionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capazes de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas de atribulações e sofrimentos e indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos.

Lisias Nogueira Negrão. *Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando o seu futuro.* In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n.º 46, jun./2001, p. 119 (com adaptações).

Com base nas informações acima, julgue os itens que se seguem.

116 Os conceitos típico-ideais não devem jamais ser confundidos como abrangências completas dos tipos empíricos, pois não os esgotam ou reproduzem.

117 Para o autor, messianismo, movimento messiânico e milenarismo são conceitos distintos, embora estejam estreitamente relacionados entre si.

118 O estudo dos movimentos religiosos brasileiros prescinde do emprego dos conceitos discutidos pelo autor, em virtude de seu caráter escatológico.

119 Os movimentos sociais messiânicos e milenaristas são tratados muitas vezes como irracionalidades e arcaísmos, frutos da ignorância e do fanatismo, por estarem em descompasso com os ideais de modernidade vigentes.

120 O Brasil tem sido especialmente pródigo na geração de movimentos messiânicos.

Taylor não apresenta uma solução final à questão da política de reconhecimento. Mas seu pensamento, ao esclarecer a estreita conexão entre identidade e reconhecimento, obriga a considerar ou a estudar a maneira como se recebe a exigência de dignidade do específico que distingue o indivíduo ou o grupo de todos os outros, sobretudo quando esse específico é ignorado, passado em branco ou simplesmente depreciado pela identidade dominante.

Dessa forma, Taylor renova a importância do reconhecimento igualitário nas democracias, principalmente ao descobrir os esquemas e tensões engendrados pelas políticas de homogeneização. Ele apoia em especial as denúncias aos processos de alienação que impõem aos indivíduos ou grupos minoritários a interiorização de imagens depreciativas de si mesmos.

A partir desses laços entre reconhecimento e identidade postos em evidência por Charles Taylor, nosso trabalho mostrará que a exigência de igualdade que subentende o movimento negro no Brasil também pode ser analisada como reivindicação anti-racista diferencialista que questiona o universalismo de tendência assimilacionista. Ao passo que a afirmação de um sentimento étnico ou cultural diferenciado, de onde provém a reivindicação de reconhecimento público do valor intrínseco da cultura afro-brasileira, pode ser estudada segundo a perspectiva de um pluralismo que instaure, no devir, um multiculturalismo livre dos efeitos perversos exercidos pela cultura ocidental, colocada axiomáticamente, como a melhor.

Jacques d'Adesky. **Pluralismo étnico e multiculturalismo, racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 24-5 (com adaptações).

Considerando o texto acima e a questão da multirracialidade no Brasil, julgue os seguintes itens.

- 121 A conexão entre reconhecimento e identidade, conforme fora estabelecida por Taylor, é o ponto central do argumento do autor.
- 122 A exigência de igualdade que subentende o movimento negro no Brasil não possui qualquer relação com as políticas de pluralismo étnico no Brasil, considerando as idéias expostas no texto.
- 123 No texto, o autor empreende uma reavaliação dos ensinamentos de Charles Taylor sobre o reconhecimento igualitário nas democracias.
- 124 Para o autor, a reivindicação de igualdade do Movimento Negro no Brasil pode ser definida como anti-racista diferencialista, em virtude de ser, ao mesmo tempo, particularista e separatista.
- 125 O multiculturalismo sugerido no texto encontra-se na contramão dos axiomas dos efeitos perversos impingidos pela cultura ocidental.

Em 1984, no estado do Rio de Janeiro, a construção da Passarela do Samba inaugurou uma nova fase nos desfiles carnavalescos. Partindo da necessidade de abrigar um público cada vez maior e mais exigente dos desfiles, a passarela foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer e construída em tempo recorde pelo governo Leonel Brizola. Com 550 metros de comprimento por treze metros de largura, a passarela desemboca na Praça da Apoteose, ladeada de gigantescas arquibancadas com capacidade para cerca de cem mil pessoas. Por suas dimensões, a passarela é por si só a materialização da importância e da imponência que o samba assumiu diante da sociedade brasileira. Com camarotes reversíveis que funcionam durante o ano letivo como salas de aula, o conjunto arquitetônico é arrematado com um grande arco sobre o Museu do Carnaval, ainda inativo. Esse é o cenário onde se celebra o maior espetáculo popular do mundo e o principal evento turístico do país.

O que será o samba no ano 2000? Sistemas intergalácticos de comunicação, quem sabe, estarão funcionando, e o homem, talvez em outro sistema solar, poderá assistir os passos magnânimos de um mestre-sala e uma porta-bandeira evoluindo. Estarão nossos passistas vestidos de astronautas? Nossa comissão de frente seria constituída de *Barbarelas* intocáveis? E o E.T. de destaque, desfilando em uma nave alegórica? A indústria do carnaval estaria, a essa altura, produzindo em série: chaveiros, *posters*, cartões postais, fantasias, cosméticos, sandálias, perucas, batom, esmalte, perfume, fitas-cassetes, discos etc.?

Dulce Tupy. **Carnavais de guerra, o nacionalismo no samba**. Rio de Janeiro: ASB, 1985, p. 118, 122 e 123 (com adaptações).

Considerando as informações acima, julgue os itens subseqüentes.

- 126 As previsões da autora sobre o carnaval carioca do ano 2000 não se confirmaram e houve um retorno hegemônico no sentido de preservar as tradições do carnaval.
- 127 O caráter internacional a que os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro foram investidos, tornou-os irrelevantes como práticas culturais urbanas tipicamente brasileiras.
- 128 Existe uma forte tendência da maioria das escolas no sentido de evitar soluções luxuosas e tecnológicas sofisticadas, deixando prioritariamente de fazer apresentações espetacularizadas.
- 129 O número de espectadores nas arquibancadas do sambódromo decresce anualmente, implicando a falta de prestígio político da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.
- 130 A Passarela do Samba não tem cumprido suas funções educacionais, apesar de o seu projeto arquitetônico ser considerado extremamente funcional para esses objetivos, segundo a autora.

Como disciplina que ambiciona adquirir o estado científico, a antropologia política impõe-se, a princípio, como modo de conhecimento e reconhecimento do exotismo político, das outras formas políticas. É um instrumento de descoberta e estudo das diversas instituições e práticas que asseguram o governo dos homens, bem como dos sistemas de pensamento e dos símbolos que as fundam. Quando elabora a noção de despotismo oriental (sugerindo um tipo ideal no sentido de Max Weber), classifica à parte as sociedades que ela define e põe em evidência tradições políticas diferentes das da Europa, situa Montesquieu entre os primeiros fundadores da antropologia política. O lugar concedido a esse modelo de sociedade política no pensamento marxista e neomarxista constitui prova, aliás, da importância dessa contribuição.

Isso equivale a fazer da política um caráter pertinente para a diferenciação das sociedades globais e das civilizações; e, por vezes, a conceder-lhe um *status* privilegiado. A antropologia política aparece sob o aspecto de uma disciplina que examina sociedades arcaicas em que o Estado não está nitidamente constituído, e sociedades em que o Estado existe e apresenta configurações muito diversas.

Georges Balandier. **Antropologia política**, Difusão Européia do Livro. São Paulo: EDUSP, 1969, p. 8-9 (com adaptações).

Com base nas informações acima, julgue os itens a seguir.

- 131** Segundo o autor do texto, a antropologia política deveria se preocupar mais com as sociedades arcaicas pois estas apresentam configurações muito diversas.
- 132** Segundo o texto, o despotismo oriental ideal, criado por Max Weber, somente pode ser empregado no contexto da sociedade nipônica.
- 133** Situa-se Montesquieu entre os primeiros fundadores da antropologia política, o que constitui prova da prevalência do pensamento marxista e neomarxista nessa disciplina.
- 134** De acordo com o texto, a antropologia política visa fazer da política um critério diferenciador das sociedades globais e de seus respectivos processos de globalização.
- 135** No texto apresentado, o autor é contrário ao estabelecimento de uma antropologia política específica para o tratamento teórico das sociedades em que o Estado não está nitidamente constituído.

A primeira idéia enunciada seria a preliminar de que a sociedade tribal mantém com a sociedade envolvente (nacional ou colonial) relações de oposição, histórica e estruturalmente demonstráveis. Note-se bem que não se trata de relações entre entidades contrárias, simplesmente diferentes ou exóticas, umas em relação a outras; mas contraditórias, isto é, que a existência de uma tende a negar a da outra. E não foi por outra razão que nos valemos do termo fricção interétnica para enfatizar a característica básica da situação de contato. Exemplo disso temos no processo de expansão da sociedade brasileira sobre os territórios tribais, resultando na destruição dos indígenas (de população, organização tribal, desagregação e dispersão das populações tribais etc.). A sobrevivência de algumas sociedades tribais descaracterizadas não é suficiente para esconder o sentido destruidor do contato. Em última análise, são os membros dessas sociedades que se acomodam em um sistema social que os aliena. Por outro lado, os segmentos nacionais — representados por indivíduos expostos, na maioria das vezes contra a sua vontade, diante de grupos tribais hostis — são obrigados a enfrentá-los a fim de sobreviverem. Como se vê, as sociedades em oposição, em fricção, possuem também dinâmicas próprias e suas próprias contradições. Daí entendermos a situação de contato como uma totalidade sincrética.

Roberto Cardoso de Oliveira **O índio e o mundo dos brancos**. 2.ª ed. São Paulo: Pioneira, 1972, p. 30 (com adaptações).

Considerando o excerto acima, de Roberto Cardoso de Oliveira, julgue os seguintes itens.

- 136** Ao discorrer sobre o contato interétnico, o autor afirma que a sociedade tribal mantém com a sociedade nacional, ao mesmo tempo, relações de oposição e cooperação.
- 137** A contribuição de Roberto Cardoso de Oliveira à teoria do contato interétnico tornou-se irrelevante diante do desenvolvimento recente da teoria antropológica brasileira.
- 138** O autor entende a situação de contato como uma “totalidade sincrética” porque as sociedades em fricção também possuem dinâmicas e contradições próprias.
- 139** A descaracterização das sociedades tribais é necessária para a constituição da “totalidade sincrética”, conforme o autor.
- 140** O autor vale-se do conceito de “fricção interétnica” para enfatizar a situação de contato em se tratando de relações entre realidades contraditórias.

Considerações de ordem social, ritual ou religiosa pesam igualmente na importância que o território tem para as populações indígenas. O estabelecimento de alianças matrimoniais está, muitas vezes, diretamente vinculado à disposição espacial dos vários grupos locais. Se uma dada sociedade proíbe ou desencoraja o casamento entre pessoas residentes na mesma aldeia, o que é bastante comum na etnografia sul-americana, isso necessariamente leva as várias aldeias a se interligarem por laços de casamento. Esses laços, por sua vez, vêm acompanhados de uma série de obrigações mútuas que transcendem a mera união conjugal que lhes deu origem.

Entre os Yanomami do norte do Brasil e do sul da Venezuela, como entre muitos grupos indígenas, o espaço entre duas aldeias quaisquer é quase sempre pontilhado ou por antigas roças que ainda produzem alguma coisa, ou por abrigos temporários, os tapiris, utilizados por viajantes, ou por acampamentos de verão (estação seca) cortados por trilhas que levam a outras aldeias, a outras antigas roças ou a outros acampamentos. Um dos temas de conversa mais recorrentes entre pessoas das mesma aldeia ou de aldeias diversas é o estado geral e particular do território: trocam-se notícias e anedotas sobre caçadas, abundância ou escassez deste ou daquele produto, o amadurecimento de frutos, as idas e vindas de moradores das aldeias; os sustos e as recompensas que a mata pode trazer, os aspectos extranaturais ou sobrenaturais da floresta ou dos rios ou das montanhas, como, por exemplo, o encontro ocasional com espírito na mata, e muitos outros assuntos que revelam a inquestionável importância do território, não apenas como o sustentáculo físico dessas populações, mas também — e principalmente — como uma realidade socialmente construída, elaborada e intensamente vivida.

Alcida Rita Ramos. *Sociedades indígenas*. São Paulo: Ática, 2001, p. 18-9 (com adaptações).

De acordo com o texto acima,

- 141** a etnografia latino-americana presta pouca atenção aos sistemas de casamento prevalentes entre as populações indígenas.
- 142** o território é importante para as populações indígenas porque é nele que reside uma realidade socialmente construída, elaborada e vivida, para além do seu sustento físico.
- 143** o significado de territorialidade para as sociedades indígenas não é o mesmo que para as populações nacionais que as rodeiam.
- 144** a questão da extensão das terras indígenas é considerada insuficientemente importante, razão por que não é examinada.
- 145** limitar o território de um grupo indígena à sua aldeia é condená-lo à penúria permanente.

Não há dúvida de que, ao começar o século XXI, a temática cultural se encontra na ordem do dia. Há poucos anos, a Comissão Mundial sobre Cultura e Desenvolvimento da UNESCO publicou um importante relatório, **Nossa Diversidade Criativa**, no qual afirmava objetivamente que a cultura é a fonte de nosso progresso e criatividade, e rejeitava a visão da cultura como um elemento secundário e subsidiário ao processo de desenvolvimento econômico. Pelo contrário, o desenvolvimento econômico é considerado pela comissão como um processo cultural em si mesmo. A cultura não é, disse a comissão, um meio para obter o progresso material, e sim o fim e a meta do “desenvolvimento” visto como o florescimento da existência humana.

Desconstruindo algumas velhas hipóteses dos anos 50 do século passado, o professor Huntington e seus colegas afirmam que existem culturas que são favoráveis e outras que são um obstáculo ao progresso. Suas conclusões são previsíveis: a cultura ocidental é a única que conduz ao desejado progresso. E os que não se alinham, poderíamos incluir-nos, se verão envolvidos no choque de civilizações que o citado professor prognosticou há alguns anos, e que explodiu de forma excessivamente espetacular a partir de 11 de setembro de 2001.

Rodolfo Stavenhagen. *Cultos, incultos e ocultos: as novas identidades latino-americanas*. In: Néstor García Canclini. *Diagnósticos e propostas para o seu desenvolvimento* (Culturas da Ibero-América) OEI, São Paulo: Moderna, 2003, p. 31-2 (com adaptações).

Considerando as informações do texto acima, julgue os itens que se seguem, referentes a práticas culturais urbanas.

- 146** O autor tenta mostrar que a cultura não é assunto menor, o que torna inexplicável os cortes preferenciais nos recursos das instituições culturais e científicas na América Latina implementados pelos tecnocratas financeiros em situações de crise.
- 147** O autor se indispõe contra a visão de Huntington em virtude do etnocentrismo deste ao considerar a cultura ocidental como paradigma para o progresso universal.
- 148** O autor procura demonstrar que as políticas culturais na América Latina continuam sendo as menos afetadas pela crise atual e as mais consideradas no rol das estratégias desenvolvimentistas.
- 149** Ao contrário do que tem acontecido com as políticas culturais latino-americanas, segundo o autor do texto, a UNESCO preconiza que a cultura é a fonte do progresso e da criatividade.
- 150** Conforme o texto, o choque de civilizações, prognosticado por Huntington, não tem qualquer relação com o atentado terrorista ocorrido a 11 de setembro de 2001 na cidade de Nova Iorque.